

# Teresa poetisa: alguns registros

Larissa de Macedo Raymundo

Teresa de Jesus também teve grande reconhecimento no âmbito das letras. Na Literatura Espanhola, ela é considerada uma das grandes vertentes da mística, ao lado de San Juan de la Cruz e Frei Luis de León, além de pertencer ao “Siglo de Oro” da Literatura Espanhola, juntamente com Miguel de Cervantes. Embora haja tal reconhecimento e muitos estudos sobre sua vida e obra, ainda há poucos registros intensificando o estilo literário de Santa Teresa.

Podemos ver que, a exemplo disso, nos estudos sobre a obra literária da santa reformadora, Maria de la Concepción Piñero Valverde (2002) ofereceu àqueles que se interessam pelo assunto “uma primeira visão da obra de uma extraordinária mulher que, apesar de universalmente conhecida como grande mística, é ainda pouco estudada como a grande escritora que também foi.” (VALVERDE, 2002, p. 77). Santa Teresa de Jesus foi, sim, uma grande escritora de seu tempo, com todas suas limitações e desafios, apesar de seu início tardio como tal – aos 50 anos.

Como bem sabemos, ao longo de sua vida, Teresa promoveu muitas reformas exteriores, como vimos anteriormente – uma nova Ordem, novos conventos –, mas também muitas interiores. É interessante recorrermos a suas obras literárias mais importantes: *Livro da Vida*, *Caminhos de Perfeição* e *Livro das Moradas ou Castelo Interior*<sup>1</sup>.

Em *Vida* e *Caminhos*, temos praticamente obras autobiográficas, ou seja, ao longo de ambos Santa Teresa descreve a trajetória de sua vida dentro e fora da religiosidade. Neles, a todo instante, ela se diz má e indigna de tanta obra maravilhosa que Deus tinha feito por e para ela, e recorre várias vezes a grandes santos: São José, para lhe dar fé, Santo Agostinho, para lhe dar conhecimento e perseverança, e Maria Madalena, para acalentá-la nos momentos difíceis – fora outros muitos, como a *prima petra* da igreja cristã, São Pedro. As obras

---

<sup>1</sup> Há outras obra de seu punho, tais como: *Livro das Fundações*, *Meditações sobre os Cantares*, *Contas de Consciência ou Relações e Mercês*, *Exclamações da Alma a Deus*, *Modo de Visitar os Conventos*, *Cartas*, *Certâmen Dado sobre as Palavras*.

literárias são, além de manuscritos dirigidos a ela mesma, cartas endereçadas a muitos clérigos, a fim de justificar toda a ação de reforma que ela vinha fazendo.

Tudo isso causava espanto naquela época. Imaginemos que, em pleno século XVI, final da Idade Média e começo da Moderna – em que a Espanha enfrentava uma Guerra Civil, ou seja, a retomada do poder ibérico dos mouros (árabes), cuja dominação na Península Ibérica passou por quase 500 anos, mais a Reforma Protestante eclodindo na Alemanha, juntamente com o surgimento da imprensa –, época em que as mulheres não tinham “hora nem vez”, surge uma mulher, freira, filha de judeus conversos, que diziam ter visões de Cristo crucificado, além de êxtases, em que anjos lhe empunhavam uma flecha flamejante. Todas essas informações sobre Santa Teresa, logicamente, causariam alvoroço por toda a região. Fora outros fatores, por exemplo: como explicar o fato de uma mulher, que não sabia ler latim, ter acesso às obras de Santo Agostinho (*Confissões*), entre outros tantos? Como explicar a “pretensão” de uma mulher ensinar a outras mulheres a ler e a escrever? Ou pior: como explicar e justificar uma mulher ter contato com o próprio Cristo sendo que, por natureza, essa foi condenada por ter praticado o pecado original? São essas e outras dúvidas que Santa Teresa tenta explicar em todas suas obras.

Sua literatura era acessível, tentava chegar o mais próximo possível de suas “filhas” e até de outros leitores. De acordo com Valverde (2002), Teresa de Jesus tem seu estilo louvado por seu primeiro editor, Frei Luis de León, “chamando a atenção para a beleza da linguagem teresiana, uma beleza quase ‘caseira’. Isso acontece justamente porque Santa Teresa escrevia com propriedade e sem afetação a língua que havia aprendido desde menina.” (VALVERDE, 2002, p. 84). Apesar dessa observação, durante muito tempo, muitos estudiosos, como relatado anteriormente, entraram a fundo em alguns aspectos teresianos, como a mística, e, por conta disso, classificaram a literatura de Teresa como um “estilo despojado e pobre, como o de um ermitão que apresentasse a mensagem espiritual em termos rudimentares.” (VALVERDE, 2002, p. 84).

Ainda segundo Maria de la Concepción, foi graças aos estudos do crítico Menéndez Pidal que houve uma melhor visão da linguagem teresiana:

Esse preconceito demorou mais de um século, quando o grande crítico Menéndez Pidal chama a atenção para um aspecto revolucionário da linguagem teresiana, ou seja: o desvio da norma, a ruptura com o vocabulário erudito geralmente empregado nos textos espirituais em sua época. A simplicidade do vocabulário, segundo o crítico, longe de mostrar pobreza da escritora indicava seu desejo de expressar com liberdade sua experiência pessoal, sem se vincular à terminologia abstrata. Teresa

revaloriza, com um novo sentido, termos comuns que estavam desgastados no vocabulário convencional. [...] É preciso notar ainda que os escritos de Santa Teresa estão muitas vezes marcados por emendas e correções que ela mesma fazia, o que revela seu cuidado em escrever de modo claro e apropriado. (VALVERDE, 2002, p. 84)

Sendo assim, Santa Teresa de Jesus, além de utilizar de uma linguagem mais próxima de quem a lia, também tomava o cuidado para tornar-se clara e compreensível.

Isso também se amplia aos poemas que a grande reformadora compôs. Foram poucos, alguns nem são atribuídos à santa – isso devido ao incentivo que Teresa dava as suas irmãs de escreverem palavras de amor a Deus – mas desse pouco, há grande significado existe, sobretudo o de amar a Deus acima de todas as coisas terrenas. Cheios de símbolos, os poemas teresianos nos apresentam vários lados da autora: ora cheios de amor a seu Deus, ora cheios de lições para suas “filhas”.

Isto posto, apresentaremos aqui quatro poemas de Teresa poetisa: “Aspiraciones de vida eterna”, “Coloquio amoroso”, “Sobre aquelas palavras: ‘Dilectus Meus Mihi’” e “Buscando a Dios”. Os quatro estarão em sua língua original, a espanhola, e também haverá uma tradução nossa – cuja posição estará à direita da original. Nas traduções buscamos chegar o mais próximo possível do sentido que o original quis passar. Pensamos nisso porque em muitas das traduções encontradas havia um certo distanciamento desse sentido – que, em realidade, vai muito de cada tradutor buscar uma diretriz para sua tradução. Em nossas traduções também tentamos preservar a rima que existe ao longo dos poemas – o que, muitas vezes, não ocorreu, devido a palavras não condizentes do espanhol ao português. De qualquer forma, tentamos ao máximo manter os símbolos, as rimas e os sentidos que Teresa de Jesus faz em seus poemas, no sentido de chegar o mais próximo de Deus e de seu amor.

Seguimos, portanto, nas páginas seguintes aos quatro poemas selecionados.

### **POEMA 1**

**Aspiraciones de vida eterna**  
(Muerdo porque no muerdo)

Vivo sin vivir en mí,  
Y tan alta vida espero,  
Que muerdo porque no muerdo.

**Aspirações de uma vida eterna**  
(Morro porque não morro)

*Vivo sem viver em mim,  
E tão alta vida espero,  
Que morro porque não morro.*

Vivo ya fuera de mí,  
Después que muero de amor;  
Porque vivo en el Señor,  
Que me quiso para sí:  
Cuando el corazón le di  
Puso en él este letrero,  
Que muero porque no muero.

Esta divina prisión,  
Del amor en que yo vivo,  
Ha hecho a Dios mi cautivo,  
Y libre mi corazón;  
Y causa en mí tal pasión  
Ver a Dios mi prisionero,  
Que muero porque no muero.

¡Ay, qué larga es esta vida!  
¡Qué duros estos destierros,  
Esta cárcel, estos hierros  
En que el alma está metida!  
Sólo esperar la salida  
Me causa dolor tan fiero,  
Que muero porque no muero.

¡Ay, qué vida tan amarga  
Do no se goza el Señor!  
Porque si es dulce el amor,  
No lo es la esperanza larga:  
Quítame Dios esta carga,  
Más pesada que el acero,  
Que muero porque no muero.

Sólo con la confianza  
Vivo de que he de morir,  
Porque muriendo el vivir  
Me asegura mi esperanza;  
Muerte do el vivir se alcanza,  
No te tardes, que te espero,  
Que muero porque no muero.

Mira que el amor es fuerte;  
Vida, no me seas molesta,  
Mira que sólo me resta,  
Para ganarte perderte.  
Venga ya la dulce muerte,  
El morir venga ligero  
*Que muero porque no muero.*

Vivo já fora de mim,  
Depois de morrer de amor;  
Porque vivo no Senhor,  
Que me quis para si:  
Quando o coração lhe dei  
Esta inscrição nele gravou:  
*Que morro porque não morro.*

Esta divina prisão,  
Do amor em que eu vivo,  
Tem feito Deus meu cativo,  
E livre meu coração;  
E causa em mim tal paixão  
Ver a Deus meu prisioneiro,  
*Que morro porque não morro.*

Ah, que longa é esta vida!  
Que duros estes destierros,  
Este cárcere, estes ferros  
Em que a alma está metida!  
Só esperar a saída  
Me causa dor tão feroz,  
*Que morro porque não morro.*

Ai, que vida tão amarga  
Se não se goza o Senhor!  
Porque se é doce o amor,  
Não o é a longa espera:  
Tira-me, Deus, esta carga,  
Mais pesada que o ferro,  
*Que morro porque não morro.*

Só com a confiança  
De que um dia hei de morrer,  
Porque morrendo o viver  
Assegura-me a esperança;  
Morte onde eu viver se alcança,  
Não te tardes, que te espero,  
*Que morro porque não morro.*

Veja que o amor é forte;  
Vida, não me sejas molesta,  
Veja que só me resta,  
Para ganhar-te, perder-te.  
Venha já a doce morte,  
Que o morrer venha ligeiro  
*Que morro porque não morro.*

Aquella vida de arriba,  
Que es la vida verdadera,  
Hasta que esta vida muera,  
No se goza estando viva:  
Muerte, no me seas esquiva;  
Viva muriendo primero,  
*Que muero porque no muero.*

Vida, ¿qué puedo yo darle  
A mi Dios que vive en mí,  
Si no es el perderte a ti,  
Para merecer ganarle?  
Quiero muriendo alcanzarle,  
Pues tanto a mi Amado quiero,  
*Que muero porque no muero.*

Estando ausente de ti,  
¿Qué vida puedo tener?  
Sino muerte padecer  
La mayor que nunca vi:  
Lástima tengo de mí.  
Por ser mi mal tan entero,  
*Que muero porque no muero.*

El pez que del agua sale  
Aun de alivio no carece,  
A quien la muerte padece  
Al fin la muerte le vale:  
¿Qué muerte habrá que se iguale  
A mi vivir lastimero?  
*Que muero porque no muero.*

Cuando me empiezo a aliviar  
Viéndote en el Sacramento,  
Me hace más sentimiento  
El no poderte gozar:  
Todo es para más penar.  
Por no verte como quiero,  
*Que muero porque no muero.*

Cuando me gozo, Señor,  
Com esperança de ver-te,  
Vendo que posso perder-te,  
Em mim se dobra a dor  
Vivendo em tanto pavor,  
E esperando como espero,

Aquela vida de cima,  
Que é a vida verdadeira,  
Até que esta vida pereça,  
Não se goza estando viva:  
Morte, no me sejas esquiva;  
Viva morrendo primeiro,  
*Que morro porque não morro.*

Vida, que posso eu dar-lhe  
A meu Deus que vive em mim,  
Se não o perder-te a ti,  
Para merecer ganhar-lhe?  
Quero, morrendo, alcançar-lhe,  
Pois tanto meu Amado quero,  
*Que morro porque não morro.*

Estando ausente de ti,  
Que vida posso eu ter?  
Senão morte padecer  
A maior que nunca vi:  
Lástima tenho de mim.  
Por ser meu mal tão inteiro,  
*Que morro porque não morro.*

O peixe que da água sai  
Não mais de alívio carece,  
A quem a morte padece  
Ao fim, a morte lhe vale:  
Que morte haverá que se iguale  
Ao meu viver penoso?  
*Que morro porque não morro.*

Quando começo a me aliviar  
Vendo-te no Sacramento,  
Me faz mais sentimento  
O de não te poder gozar:  
Tudo é para mais penar.  
Por não ver-te como quero,  
*Que morro porque não morro.*

Quando me regozijo, Senhor,  
Con esperança de verte,  
Viendo que puedo perderte,  
Se me dobra mi dolor  
Viviendo em tanto pavor,  
Y esperando como espero,  
*Que muero porque no muero.*

*Que morro porque não morro.*

Tira-me desta morte,  
Meu Deus, e dá-me a vida,  
Não me deixes impedida  
Neste laço tão forte:  
Veja que morro por ver-te,  
E viver sem ti não posso,  
*Que morro porque não morro.*

Chorarei minha morte, agora,  
E lamentarei minha vida,  
Enquanto que detida  
Por meus pecados estiver.  
Ó, meu Deus, quando será,  
Que eu diga com um dizer verdadeiro  
*Que morro porque não morro?*

Sácame de aquesta muerte,  
Mi Dios, y dame la vida,  
No me tengas impedida  
En este lazo tan fuerte:  
Mira que muero por verte,  
Y vivir sin ti no puedo,  
*Que muero porque no muero.*

Lloraré mi muerte ya,  
Y lamentaré mi vida,  
En tanto que detenida  
Por mis pecados está.  
Oh, mi Dios, ¿cuándo será,  
Cuando yo diga de vero,  
*Que muero porque no muero?*

## **Poema II**

### **Coloquio amoroso**

Si el amor que me tenéis,  
Dios mío, es como el que os tengo;  
Decidme: ¿en qué me detengo?  
O Vos, ¿en qué os detenéis?  
— Alma, ¿qué quieres de mí?  
— Dios mío, no más que verte.  
— Y ¿qué temes más de ti?  
— Lo que más temo es perderte.

Un alma en Dios escondida  
¿Qué tiene que desear,  
Si no amar y más amar,  
Y en amor toda escondida  
Tornarte de nuevo a amar?  
Un amor que ocupe os pido,  
Dios mío, mi alma os tenga,  
Para hacer un dulce nido  
Adonde más la convenga.

### **Colóquio amoroso**

Se o amor que me tem,  
Deus meu, é como o que lhe tenho;  
Diga-me: Em que me detenho?  
Ou Vós, em que lhe detém?  
— Alma, que queres de mim?  
— Deus meu, não mais que ver-te.  
— E que temes mais de ti?  
— O que mais temo é perder-te.

Uma alma em Deus escondida  
O que mais pode desejar,  
Se não amar e mais amar,  
E no amor toda escondida  
Tornar de novo a te amar?  
Um amor que ocupe, lhe peço,  
Deus meu, que minh'alma lhe tenha,  
Para fazer um doce ninho  
Onde mais lhe convenha.

### **Poema III**

#### **Sobre aquellas palabras: "Dilectus Meus Mihi"**

(Mi amado para mí)

*Yo toda me entregué y dí,  
Y de tal suerte he trocado,  
Que mi Amado para mí.  
Y yo soy para mi Amado.*

Cuando el dulce Cazador  
Me tiró y dejó rendida,  
En los brazos del amor  
Mi alma quedó rendida,  
Y cobrando nueva vida  
De tal manera he trocado,  
*Que mi Amado para mí  
Y yo soy para mi Amado.*

Tiróme con una flecha  
Enarbolada de amor  
Y mi alma quedó hecha  
Una con su Criador;  
Ya yo no quiero otro amor,  
Pues a mi Dios me he entregado,  
*Y mi Amado para mí  
Y yo soy para mi Amado.*

#### **Sobre aquelas palavras: "Dilectus Meus Mihi"**

(Meu amado para mim)

*Eu toda me entreguei e dei,  
E de tal sorte hei alcançado,  
Que meu Amado é para mim.  
E eu sou para meu Amado.*

Quando o doce Caçador  
Me atirou e me deixou rendida,  
Nos braços do amor  
Minh' alma ficou rendida,  
E cobrando nova vida  
De tal maneira hei trocado,  
*Que meu Amado é para mim  
E eu sou para meu Amado.*

Atirou-me uma flecha  
Enaltecida de amor  
E minh' alma ficou feita  
Una com seu Criador;  
Já eu não quero outro amor,  
Pois a meu Deus me hei entregado,  
*E meu Amado é para mim  
E eu sou para meu Amado.*

### **Poema IV**

#### **Buscando a Dios**

(Buscarte en mí)

*Alma, buscarte has en Mí,  
y a Mí buscarte has en ti.*

De tal suerte pudo amor,  
Alma, en mí te retratar,  
Que ningún sabio pintor  
Supiera con tal primor  
Tal imagen estampar.

#### **Buscando a Deus**

(Buscar-te em mim)

*Alma, buscar-te-ás em Mim,  
e a Mim buscar-me-ás em ti.*

De tal sorte pôde amor,  
Alma, em mim te retratar,  
Que nenhum sábio pintor  
Soubesse com tal primor  
Tal imagem estampar.

Fuiste por amor criada  
Hermosa, bella, y así  
En mis entrañas pintada,  
Si te perdieras, mi amada,  
*Alma, buscarte has en Mí.*

Que yo sé que te hallarás  
En mi pecho retratada,  
Y tan al vivo sacada,  
Que si te ves te holgarás,  
Viéndote tan bien pintada.

Y si acaso no supieres  
Dónde me hallarás a Mí,  
No andes de aquí para allí,  
Sino, si hallarme quisieres,  
*A Mí buscarme has en ti.*

Porque tú eres mi aposento,  
Eres mi casa y morada,  
Y así llamo en cualquier tiempo,  
Si hallo en tu pensamiento  
Estar la puerta cerrada.

Fuera de ti no hay buscarme,  
Porque para hallarme a Mí,  
Bastará sólo llamarme,  
Que a ti iré sin tardarme,  
*Y a Mí buscarme has en ti.*

Foste por amor criada  
Formosa, bela, e, assim,  
Em minhas entranhas pintadas,  
Se te perdesse, minha amada,  
*Alma, buscar-te-ás em Mim.*

Que eu sei que encontrar-te-ás  
Em meu peito retratada,  
E tão vivamente moldada,  
Que, se te vês, alegrar-te-ás,  
Vendo-te tão bem pintada.

E se acaso não souberes  
Onde encontrar-me-ás a Mim,  
Não andes de aqui para lá,  
Porém, se me encontrar quiseres,  
*A Mim buscar-me-ás em ti.*

Porque tu és meu aposento,  
És minha casa e morada,  
E, assim, chamo a qualquer momento,  
Se encontro que em teu pensamento  
Está a porta fechada.

Fora de ti não há buscar-me,  
Porque para encontrar-me a Mim,  
Bastará só nomear-me,  
Que a ti irei sem tardar-me,  
*E a Mim buscar-me-ás em ti.*